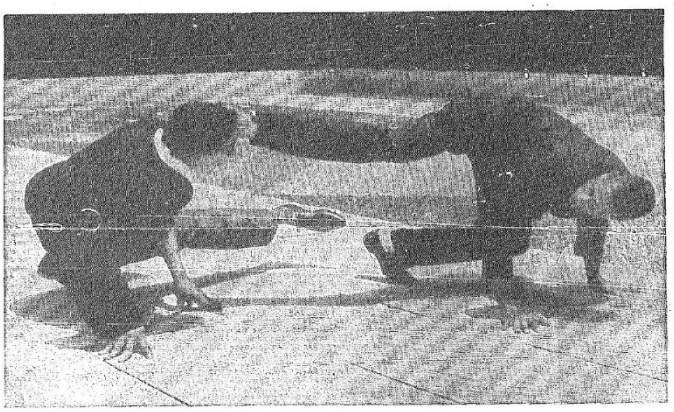
Jornais

Correio da manhã

A ressurreição da capoeira na imprensa carioca

2 de julho de 1964

De Paula



RESSURREIÇÃO DA CAPOEIRA

Salvyano Cavalcanti de Paiva

Parece que a recuperação moral, folclórica e estética é recente, data década: até então, a capoeira fôra violentada durante mais de 30 anos, desprezada como coisa aviltante, "indigna do povo civilizado" na palavra dos mais renomados cantores dos meios sociais superiores do País. A verdade é que a capoeira está ai de volta, brejeira, faceira, teatral, com raízes étnicas e históricas a desafiar a gente mais afetada, a gente com preconceitos e suposições racistas, gente que, afinal, colaborada, nada conhece de História e cuja filosofia de vida se reduz ao superfício e ao falso. A vitória da capoeira e a vitória da fusão do negro com o branco e com o índio para formar o brasileiro tipico de Paulo Prado, forte de Euclides da Cunha, bovina de Nélson Rodrigues — mas, no fundo, possuidor de um instrumental de defesa primitivo sim, e ao mesmo tempo de uma originalidade que desafia comparações.

Segundo a teoria, a capoeira proviria de um jôgo africano negro, angolense, introduzido no Brasil pelos escravos. Ganhou aqui, quando setentado em nossas cidades, especialmente Recife, Salvador e Rio, colorido peculiar. E do negro passou ao mulato e ao caboclo, demonstrando o mesmo habilidade até maior na execução prática do ritual, já agora musical e esportivo, Jôgo ofensivo e defensivo, passou a ser reprimido com violência pela Polícia — e o que será que a Polícia não reprime com violência? Hoje mesmo a guardiã dos "bons costumes" ainda fazendo entrepolitas de Londres a Paris e de Nova York ao Rio por causa do mini-biquini, invenção moderna de costureiros intelligentes inspirados na moda grega anelar e milenar.

A repressão se intensificou a partir de 1924, atingindo o auge durante o reinado feroz do chefe de Polícia Sampaio Ferraz. Como tôda ação coercitiva, não fôi sendo estimulaz o gôsto pela coisa. Quando medidas de sanssamento social se fizeram compulsiva de elevação econômica, no bairro da Saúde e na Lapa, por exemplo, aqui no Rio, a capoeira recuou. Os abalos estruturais sofridos pelo País na fase entre as duas guerras mundiais foram em parte responsáveis pelo recesso da capoeiragem que, outretanto, jamais desapareceu como instituição entre as populações de classe mais humilde — embora a gente mais "civilizada" deveria fazer de transição inegàvelmente arcaíssima haver acabado uma enfermidade colonial, ou seja, em seu linguajar, de "pois atrasada".

O aspecto exterior, external por assim dizer, da capoeira modificou-se. Já hoje, a ressurreição da capoeira não justifica, mesmo, sua aceitação como instrumento de agressão em processos repressivos, pródigos corrosaleiros em plenos políticos. Na época de Sampaio Ferraz isto ocorria porque a sociedade degenerou, utilizada pelos otoriosos aproveitadores — esses capoeiragens do vadio, do malandro carioca, bisonho em pensamborarem, se exaindo ocasionado por sutilidade, já denunciar o mesmo direito de quem fôra respon. sável pelo cangaceirismo do interior do Nordeste, sustentáculo durante alguns tempo da subtlelismo dos povos familiarizados pelo coronelismo. Mas no Império e nos primeiros tempos da República, grupos adversários se enfrentavam e se chocavam nos cortiços, nos novenas e ladainhas ao ar livre, na entrada, fazendo espectadores inocentes.

No Rio, essas maltas eu cambadas de desordeiros dividiam territórios. Os Guaimus dominavam a Cidade Nova, e as zonas circunjacentes ao Largo de Santa Rita e São Domingos, mais ou menos o que é hoje o Centro na parte nordeste e leste, do cais do pôrto até as imediações do Largo da Carioca e se espraiando pelo Canal do Mangue. Outro grupo, os Nagôs, imperavam absolutos na Lapa dos Mercadores inclusive Mata-Cavalos, hoje Rua Riachuelo, Glória, Catete e adjacências. Um dos mais famosos, senão o mais famoso dos capoeiras dos Guaiamus foi Mandura da Praia, que morreu 27 processos por ferimentos leves. O chefe dos Guaiamus, entretanto, foi Ribra Queimado, alcunha na pontapé e cabeçadas.

E incontável o número de capoeiras célebres, de Pernambuco, da Bahia ou do Município Neutro, mais tarde Distrito Federal e hoje Guanabara. Figuemos com os nomes da casa. A tradição registra alguns nomes imortais. Assim, Raimundo da Lapa, dos Nagôs, que mais tarde chegou a tenente da Guarda Nacional. Carapeta, proprietário de uma casa da moda, na velha Rua da Conceição, na Cidade, Moleque Malaquias; João do Rosário; Juca Reis; Vicente Caipa Largo; Inácio Lá, que além de formidável capoeira, era excepcional no jôgo de dados e teve vários aborrecimentos com o Polícia Emílio de Araújo e Pedro Alemão, que, sôrtudo, denunciaram um pilgrafo do carabaia, no Rocio, desmoralizando outrapiamente por algum tempo os policiais fardados; João Crioulo, cuja profissão era a de portário da capoeiraria, ancestral do leão de chácara moderno.

E há mais: há o mulato Benga Doutor, tão disciplinado em suas evoluções quanto Vicente Caipa Larga e também admirado por não ter rival no cabo-de-arrais, que executava sempre com um sorriso nos lábios. Ahh, Benga Doutor jamais fazia rarrarrar era, de natureza, risonho. Conquista com Quitaia, Julio Cabo Verde (não agia nas cercanias da Candelária), Pé Espalhado — cacheiro de grande freguesia; Berbolcia; Domingunha da Só; Paulistinha (os três últimos se reformaram para o fim da vida); Gato Preto; o temível Zoferino Martins, mestre da banda de música; Equipapá; Pedro Pernambuco, que urdiu outro desafeto bamba na capoeiragem, o Três Tempos; João Mulatinho; Antonico da Pinta; Xenxém; Antônio Pinta Preta; José Bôca Gorda; Casmurro; os irmãos Pretuso; Moleque Nicolau; Figa; Moleque Vassoura; Moleque Besagaste; o valente Juca Dandon, que acumulava as funções de capoeira e soldado de Polícia, dista muito ao vanglorianado; e, finalmente, Antônio Rato, emérito navalhista e pulador.

Notese que os capoeiras não eram anjinhos, muitos cometeram assassinatos, mas é um fato histórico a seu favor o que não havia, entre êles, nenhum explorador de mulheres e nem vendedor de maconha. Eram, antes de tudo, artistas. Buscavam suas execuções na fôrça muscular, na flexibilidade das articulações e na rapidez de movimentos. Alguns ampliaram êsse poderoso instrumental defensivo-ofensivo com arma branca. Tal o caso do consagrado Nascimento Grande, o mais formoso e ilustre malandro da História do Brasil, com passagens em Pernambuco, Bahia e Rio e já cantado em livros de pesquisadores e poetas.

Há um ponto em que a capoeira — ritual afro-brasileiro — converge no mesmo sentido musicologo-coreográfico do jazz — ritual afro-estadunidense. O exercício realizado no sons de vastiga doloretes e por instrumentos de percussão ou berimbau, o gantá, o pandeiro da origem a passos, a fêstes, ou alguns dêstes, se incorporam à coreografia da música-dança mais evoluída, no caso brasileiro e livre. Por isso, o chá-de-barriguinha e a tesoura estão bem próximos, na dinâmica do ritmo, na imagem do corpo, à rasga, à rasteira, ao toucho de inércia, ao escorão, ao balão. Lembramo-nos de que o "capoeira" da também essas "tesouradas" e "pulos" idênticos aos do passista do frevo mais autêntico. E os primeiros conjuntos de frevo estavam repletos de "capoeiras" armados da navalha e "gatueira", criando conflitos sanguentos na Rua Nova e na Rua da Imperatriz.

O inegável e serena ao movimento de capoeira "passou aos auxílios de desafiante", conforme ensinou o dicionarista Mello Morais Filho. Daí a justificada avocação oficial do título pela Polícia Militar da Guanabara a partir de 1961. A avocação entre a gente mais "civilizada" provém de uma entorpeço lenta, de que alguns veículos de comunicação e textos de arte são diretamente culpados: o cinema, já em "O Pagador de Promessas" e "Barravento"; o disco de vitrola, já na série folclórica lançada por Roberto Batalin, seguida por outras gravadoras que, ao lado do bacro, servem ao Brasil mais brasileiro. um brasileirismo sem demagogia. E assim o povo aprende como é lindo um número de capoeira tocado, cantado e dançado pelo grupo de Candiquinha, moderno herói baiano que segue a tradição de Juca Dandon, Zoferino Martins, Mandura da Praia, Benga Doutor e tantos outros.

Um caso entre muitos

Carlos Heitor Cony

No Pará, segundo notícias que me chegam, permanece preso, incomunicável, um homem por cujo patriotismo não vacilaria em botar a mão no fogo. Seu nome é Cléo Bernardo. O ato que o baniu da vida pública, de cambulhada com criminosos comuns, rogitanu-lhe o nome inteiro: Cléo Bernardo de Macambira Braga. É o advogado, jornalista, fundador e presidente do Partido Socialista Brasileiro naquele Estado. É mais: ex-soldado da FEB, a qual se apresentou voluntàriamente, achando o ato coerente com seus ideais antifascistas, e sem deixar de ser também um gesto romântico, ou quixotesco se quiserem, mas de rara finura ideológica.

Lembro-me que pioneiramente optou pelo monopólio estatal do petróleo, num momento em que os teóricos da esquerda mais radical entendiam que a tese era uma tolice; e que não foi tolice cinco mais tarde prová-lo a Petrobrás, em favor de cuja criação sempre se alteou a voz obstinada de Cléo Bernardo, que pode e deve ser computado entre os operários que levantaram, tijolo a tijolo, a grande empresa.

A sua prisão recentíssima se não fôssem marcados pela mais perfeita estupidez: o edifício em que mora foi cercado militarmente, em cerbofada operação de guerra, os soldados portando metralhadoras, como se quisessem de capturar um doido ou facínora atrás de um canhão; quando, na verdade, acabaram por encontrar um homem só e desarmado. Estriparam-lhe a casa em busca de papéis subversivos — e acharam tômente livros de uso pessoal, que a burrice ou má-fé dos captores julgaram perigosos à segurança do País ou do Continente, e entre os quais estavam "O Vermelho e o negro" e "Guerra e paz", aquele, porque no título traz a côr vermelha e o outro, porque é de autor russo e fala em guerra e em paz.

Não sei por que se mantêm prêso um homem que sabidamente não é corrupto, nem subornável, o que é tão ou mais patriota que seu comandante da FEB, o hoje presidente da República. Lá o relatório da Comissão de Investigação Sumária que afaga em Belém, publicado na íntegra em duas páginas de jornal. Nêle não se faz referência, nominal sequer, a Cléo Bernardo, o que presupõe a carência de culpas criminais, mesmo aos olhos da própria Comissão. O atual governador paraense, coronel Jarbas Passarinho, conhece-o muito bem. Mantiveram longa camaradagem, e a impressão do coronel sôbre o prisioneiro será, estou seguro, a que se recolhe de um patriota verdadeiro, e quando fala em patriota verdadeiro, absolutamente, exclue os safados e os débeis mentais que apenas ululam o ouvaz-zerre-zerre-palmeiras-cuide-conta-o-sabiá e, por trás, vendem o País — ou o venderiam se pudessem — em suaves prestações.

Escrevo estas coisas a ver se aparece alguém, no meio dêste caos, com autoridade para determinar que se restitua a liberdade a Cléo Bernardo. E me reporto a êle, em especial, sabendo embora que outros intelectuais no País se encontram recluzes também, sem culpa formada e privados do direito de defesa, o que é hoje um tanger-camuna na democracia verde-oliva.

Quanto à supressão de suas regalias políticas por dez anos, acho que acabou significando um prêmio ao seu teimoso idealismo. Sugiro a Cléo o seguinte: quando o libertarem, mandar emoldurar a página do "Diário Oficial" em que se decretou sua proscrição. E que pendure à parede, justamente ao lado da medalha de campanha na Itália. Ambas serão lembranças muito amáveis para dias bem menos simples e pobres, que sempre teve a clara pressupõe do destino brasileiro e para o qual sem se gastando nunca bota velha e sofrida — e muito pouco ainda conseguida.

Flagrantes de J., J. & J.

Técnica

A chuva está sendo apontada por ai como o método ideal para tentar subornar o próximo. O subornador aparece na casa do seu alvo, domingo, pela manhã, e diz:

— Que bela quinta-feira.

O alvo, naturalmente, responde:

— Mas hoje é domingo!

O subornador, antes, aproveita a brecha e propõe:

— Quer apostar um milhão de cruzeiros como é quinta-feira?

Trinômio

Falando a industriais de São Paulo, o ministro Roberto Campos declarou que o seu herdeiro preferia estudar engenharia, desprezando os conselhos paternos que recomendavam as excelências da diplomacia. Justificando sua atitude, o rapaz disse: "Os diplomatas ganham pouco, viajam muito e mentem mais ainda."

Drama

Em São Paulo, há rua Piratinin de Abreu, um cidadão que voltava para casa foi abordado por um bicudo pau-de-arara, que lhe ofereceu um cadeado a preço de ocasião. O cavaleiro achou bom e negócio e comprou o cadeado, a fim de substituir o que colocara em sua porta e que não estava funcionando muito bem. Cem metros adiante, ao chegar em casa, verificou a esparrela em que caíra e vidalidão sacaiara sua casa e ainda lhe vendera o cadeado..

Fogo na roupa

Em São Paulo a Polícia fechou uma fábrica clandestina de fogos que colocava em risco de incêndio tôda a sua vizinhança. A fábrica obedecia à direção de um alemão cabo do Corpo de Bombeiros.

Avis rara...

A combinação de inquérito que investiga os bens dos servidores da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro vai ouvir a sogra de um delegado que, em sua declaração, afirmou ter recebido um palacete com piscina, automóvel, terreiros e outras coisinhas mais como presente de sua diletta sogrinha. A comissão, diante dêste modêlo de sogra — verdadeira mãe endinheiros — resolveu conhecê-la pessalmente e convidou-a para uma conversinha particular.

Preto forte

A primeira experiência de um vestido de noite "noite de peito", em Londres, não foi muito bem sucedida. O noite de um relaxado pediu delicadamente a dama pimenta que se retirasse, pois dois fregueses tinham sido acometidos de perturbações digestivas ante o pratinho inesperado.

Furou a blaqueia

Uma espécie que tenha escapado à sanha "sherloquiana" dos agentes de segurança da revolução um prédio da Rua dos Arcos, que é a imagem do perfeito comunismo capitalista: no térreo funciona a "Lavanderia Chinesa" e nos altos o "Hotel Cubano". Tudo isto com uma agravante: o "Cubano" é um hotel aspiritíssimo...

Avant-Garde

Num jantar de alta roda discutia-se o discutidíssimo "dois menos um", também conhecido como "meio-os-peitos" e "monoquini". Uma personagem ilustre das colunas sociais, com ar endiabrado, disse:

— É um atrasado. Na minha prateleira particular eu ainda uso o "dois menos dois".

Tabu quebrado

A mulata Vera Lúcia Couto foi a sensação do sábado abiscoitando o título de Miss Guanabara. E como prognosticamos temeram os alterosos de Maracanãzinho com o entusiasmo dos aplausos. No fim estavam todos acabados pois o público elegendo um autêntico exemplo de produto nacional. Foi quebrado o tabu de que escurinho não vinha ver no concurso.

Monoquini

Foi proibido, pelo delegado de Costumes e Diversões, a aparecação do não-vinte traje de banho, denominado monoquini. Mas antes de tomar tal decisão, as vedetas que realizaram o desfile fizeram uma exibição no recinto da Delegacia. E, daí, obrigado a ordem da autoridade, com as alegações do que, com o desfile se consumisse, sentiam intimeras as realizações.

Pardon, já que Deusmo todo privadas de ver para também julgar, resta-nos apenas uma certeza: a de que o delegado descobriu um admirável método pessoal de propagar reservadamente os crimes contra os costumes.

Pinta de lorde

Aconteceu em Cataebra, nos corredores do Palais des Nations, durante a Conferência Internacional do Comércio. Um delegado de um país subdesenvolvidíssimo abordou um membro da delegação brasileira e perguntou:

"— Quem é êste lorde inglês que vem chefiar a delegação de vocês?"

Tratava-se da nobre figura de Lorde Edmundo Barbosa da Silva....

DEDETIZAÇÃO
52-5555
DEDETAN

PORTA BAGAGEM PROCAR
d-e-s-m-o-n-t-á-v-e-l
GUARDA-SE NA MALA DO CARRO
BAGAGEM NÃO É MAIS PROBLEMA
PROCAR
PORTA-BAGAGEM UM PRODUTO PROCAR
À VENDA NAS BÔAS CASAS DO RAMO.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos.